

Chegou a hora de Sarney se afirmar

**BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO**

Um dia será o dia de cada um, individualmente, mas o 21 de abril de 1985, tendo sido o dia de Tancredo Neves, foi também o dia da Nação. Morremos um pouco, com ele. O seu dia chegou para todos nós, e chegou antes da hora. Especialmente para ele. Cedo demais. A importância de seu martírio está em ter consensuado a opinião pública. O sofrimento prolongado do presidente serviu para que nos acostumassemos à idéia de não tê-lo mais entre nós. Ao invés do impacto abrupto, a lenta agonia gotejando desde 14 de março. A Nação preparou-se para o pior. Teve tempo para meditar sobre ela mesma, sem Tancredo. Absorveu a decepção, dia a dia.

Mas José Sarney não será, necessariamente, a decepção. Ao contrário, poderá surpreender. Não se esperara, nele, um novo Tancredo Neves. Nem ele nem ninguém poderia substituir o insubstituível, pois, ao contrário do refrão popular, há homens insubstituíveis. Como há. Apesar disso, o novo presidente será capaz de superar o vazio, singularmente se cultivar e realizar os propósitos de quem o ocupava. Como falou ontem pela madrugada, tentará ser maior do que ele mesmo.

Uma vez arrefecida a comoção que agora chega ao clímax, efetuado o sepultamento, amanhã, em São João del Rey, terão chegado hora e vez do sucessor. Encontrar-se-á, José Sarney, às margens desse Rubicão cabloco onde, como costumava dizer Tancredo Neves, citando Albert Camus, não se chega para pescar. Haverá que atravessá-lo, mas, para isso...

Para isso, José Sarney necessitará afirmar-se através de três vertentes. Precisar dar três gritos: independência, já. Integração, já. E realizações, já.

Independência no sentido de que, no exercício pleno da Presidência da República, não poderá admitir condomínios no governo. Nem do PMDB, nem da Frente Liberal. Sequer da Aliança Democrática, destinada a existir como ideal e inspiração, não como exclusivo fator reivindicatório. É claro que a Aliança Democrática é e continuará participante do Ministério. Ela dá a base de sustentação política, partidária e parlamentar ao novo presidente. Mas não poderá, sob nenhum aspecto, pretender-se dona das decisões, com poder de veto ou capacidade de sacração.

De Ulysses Guimarães a Aureliano Chaves, de Marco Maciel a José Fragelli e a ministros de uma ou de outra corrente, deverão todos afastar a síndrome do condomínio. Despojar-se da tentação de tornar-se condestáveis. Mas isso se afirmará, essencialmente, pela disposição e a firmeza de José Sarney. De mais ninguém. A partir de agora ele deixa de ser o antigo presidente do PDS, o atual filiado ao PMDB e o representante da Frente Liberal na chapa constituída pela Aliança De-

mocrática. É o presidente, apenas. Sem independência para optar, decidir, escolher e nomear, não governará. Caso ceda a pressões de políticos e de grupos partidários, não terá como obstar tipo muito mais perigoso de pressão, gerida por extremistas de lá e de cá e voltado sobre as massas populares.

A necessidade de independência nada tem, é claro, com entendimentos e articulações imprescindíveis para viabilizar o seu esquema de apoio no Congresso. Consultar e ouvir não se confundem com abdicar e ser atropelado.

O segundo grito que deve sair da garganta de José Sarney é o da integração com a opinião pública. Ele chega ao poder sem respaldo popular, como herdeiro legal de quem dispunha desse respaldo. Tancredo Neves realizaria por já dispor da Nação. Seu sucessor deverá realizar, para dispor dela. Precisar buscar canais diretos contatos com a sociedade. Dirigir-se a ela sem intermediários e, mesmo afastando apelos à demagogia, encontrar mecanismos em condições de senti-la, para decidir com ela. Fora disso se condenará a prolongar, e não se sabe até quando, a interinidade desejada. Muito provavelmente, por pouco tempo.

O que conduz ao terceiro grito ou terceira afirmação. José Sarney deve partir para realizações imediatas. Tocar a imprescindível rotina administrativa e, em paralelo e dentro dos compromissos e ideais da Aliança Democrática, promover mudanças profundas na ação política oficial. Realizar as mudanças, do férreo combate à inflação às medidas possíveis de emergência que minorem as agruras das classes menos favorecidas. A Nova República não se constituiu como mera etapa de transferência de poder dos militares para os políticos. Exprimiu, muito mais do que essa passagem, a necessidade absoluta de mudanças que começam pela austeridade e a contenção, mas que, em função delas, conduzirão às reformas necessárias, sem laivos demagógicos.

Por mais singular que pudesse parecer, essa era a tônica das conversas de ontem, em Brasília, entre os políticos emocionados com a morte de Tancredo Neves. Todo o apoio é dado a José Sarney para que se liberte das amarras do constrangimento até agora óbvio em função de ter sido o substituto. Tornado sucessor, porém, caber-lhe-á o papel de condutor da Nova República. Levá-la a realizar-se ou imobilizá-la dependerá exclusivamente dele.

Sentindo a inexorabilidade da situação, faz alguns dias, José Sarney prepara-se para a ingrata tarefa. Tem consciência plena dessas três necessidades, e sobre elas já discorreu, na intimidade. Daria a vida para não precisar de frontais, não porque lhe faltassem forças, mas apenas porque elas implicariam, como implicaram, o desaparecimento de Tancredo Neves.